



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
RONDÔNIA – IFRO/ *CAMPUS* VILHENA

WEBERTON CORDEIRO DOS SANTOS

**A EDUCAÇÃO FINANCEIRA E SUA IMPORTÂNCIA NO ENSINO
APRENDIZAGEM**

VILHENA-RO

2023

WEBERTON CORDEIRO DOS SANTOS

A EDUCAÇÃO FINANCEIRA E SUA IMPORTÂNCIA NO ENSINO
APRENDIZAGEM

Monografia apresentada ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - *Campus* Vilhena, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Matemática.

Orientador: Mestre Edinalcio Fernandes Syrczyk

VILHENA-RO

2023

DEDICATÓRIA

Dedico à minha família pelo amor, incentivo,
compreensão e paciência, dedico-lhes essa conquista com
carinho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido sabedoria, saúde e força para alcançar mais um objetivo.

A meu orientador, pelo incentivo, amizade e determinação, que me transmitia a todo o momento.

Ao meus pais e irmãos pelo, amor, incentivo, compreensão e carinho, que me deram no decorrer do curso, em especial a minha esposa Micaella Siqueira que contribuiu significativamente na minha formação como pessoa e como profissional.

Aos professores do IFRO, *Campus* Vilhena, pelos conhecimentos, carinho e compreensão, sem eles seria impossível conseguir. Ao IFRO/*Campus* Vilhena por proporcionar o curso.

Aos meus amigos que me apoiaram em todos os meus projetos, e alguns, que mesmo estando longe, foram importantes para superar momentos delicados.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que me ajudaram direta ou indiretamente no decorrer do curso.

EPÍGRAFE

“Educação não transforma o mundo.
Educação muda pessoas.
Pessoas transformam o mundo.”

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho versa sobre uma pesquisa bibliográfica qualitativa, que objetiva contribuir com a construção de uma nova metodologia, que favoreça uma abordagem crítica relacionada a Educação Financeira, para que seja compreendida e discutida em ambientes cujo o amestramento tem grande relevância. Conceitos e processos históricos nele inserido, contribuem para propiciar informações e enriquecer uma aprendizagem em relação ao surgimento e a evolução do dinheiro. O processo de evolução da economia tem sido determinante para a sociedade, entretanto ela revela os degraus que foram importantes para o desenvolvimento comercial, entre eles, o presente estudo relata a Industrialização, que foi um despertar para transformações, inovações e criações em indústrias, que hoje seus resultados inspiram e fortalecem cada empresa. Com o decorrer de anos, isso fez com que o capitalismo crescesse, no entanto, esses processos nos trouxe novos olhares em relação a aprendizagem da matemática, para com o seu uso nas indústrias e com bases rígidas para economia. Até os dias atuais, entende-se a importância de observar a necessidade histórica de fazer uma boa administração de bens, a partir deste intuito, a educação financeira se torna uma ferramenta indispensável para um controle financeiro, ao qual gera resultados surpreendentes. Esta pequena narrativa nos leva a entender que, a busca pelo suficiente tem grande importância para um administrador. O objetivo de educar-se financeiramente vem se tornando um processo cada vez mais voltado para uso individualista. Existe hoje, estratégias comerciais, que atraem e escravizam os indivíduos que deles são dependentes, alienando-os a aquisição de bens e serviços até mesmo sem necessidade. Entretanto, aproveitam da dificuldade que as pessoas tem em ter um planejamento financeiro, e os atraem a consumirem mais do que o necessário. Elaborar conceitos, atitudes e preparar alunos capazes de questionar e atuar frente os desafios de uma Educação Financeira preocupada com a mudança de concepção e ideologias propagadas, é uma tarefa também do professor que ensina matemática, ainda mais em um período que se busca o rompimento com a ideologia da certeza e supremacia do ter. Por meio do ensino aprendizagem, pretendemos utilizar a matemática como um veículo ao longo do caminho para contribuir com a discussão da educação financeira com foco na construção de uma sociedade crítica.

Palavras-chave: Educação Financeira; Capitalismo; Economia; Ensino Aprendizagem.

ABSTRACT

The present work deals with a qualitative bibliographical research, which aims to contribute to the construction of mathematics, which favors a critical approach related to Financial Education, so that it can be understood and discussed in environments where training is of great relevance. Concepts and historical processes inserted in it, contribute to provide information and enrich learning in relation to the emergence and evolution of money. The process of evolution of the economy has been decisive for society, however it reveals the steps that were important for commercial development, among them, the present study talks about Industrialization, which was an awakening for transformations, innovations and creations in industries, which today its results inspire and strengthen each company. Over the years, this made capitalism grow, however, these processes brought us new perspectives in relation to learning mathematics, its use in industries and with rigid bases for the economy. Until the present day, it is understood the importance of observing the historical need to make a good administration of assets, from this intention, financial education becomes an indispensable tool for financial control, which generates surprising results. This small narrative leads us to understand that the search for enough is of great importance for an administrator. The goal of financial education is becoming an increasingly individualistic process. There are today commercial strategies that attract and enslave individuals who are dependent on them, alienating them to acquire goods and services even without need. However, they take advantage of the difficulty that people have in having financial planning, and attract them to consume more than necessary. Elaborating concepts, attitudes and preparing students capable of questioning and acting in the face of the challenges of a Financial Education concerned with maintaining propagated privileges and ideologies, is also a task of the teacher who teaches mathematics, even more so in a period that seeks to break with the ideology of certainty and supremacy of having. Through teaching and learning, we intend to use mathematics as a vehicle along the way to contribute to the discussion of financial education with a focus on building a critical society.

Keywords: Financial Education; Capitalism; Economy; Teaching Learning.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CAPÍTULO I – A EVOLUÇÃO FINANCEIRA E SEUS CONTRIBUINTES	11
2.1 ORIGEM DO DINHEIRO E SUA INFLUÊNCIA NA HISTÓRICA.....	11
2.2 CAPITALISMO: SISTEMA ECONOMICO EM COMPETIÇÃO	13
2.3 A INDUSTRIALIZAÇÃO: CONCEITOS E FASES	16
3.1 A Primeira Revolução Industrial: Criações e Inovações Trazem Crescimento Para Economia Local.	17
2.3.2 A Segunda Revolução Industrial: Novas Empresas Surgem e a Produção é Potencializada.	18
2.3.3 A Terceira Revolução Industrial: A Globalização e a Era Digital.	19
2.3.4 Causas e Consequências	20
3 CAPÍTULO II – A EDUCAÇÃO FINANCEIRA E SUA IMPORTÂNCIA PARA ECONOMIA	21
3.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA	22
3.2 O CONSUMISMO: A BUSCA PELA SATISFAÇÃO.	24
3.2.1 Os fatores que Contribuem para o Consumismo.	26
3.2.2 Efeitos do Consumismo	26
3.3 CRISES ECONÔMICAS	27
4 CAPÍTULO III – A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO ENSINO APRENDIZAGEM	28
4.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA ESCOLAR.....	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
6 REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

Vemos desde o surgimento das civilizações, que um dos bens mais preciosos que as pessoas carregavam eram seus princípios culturais, de geração em geração, através do ensino aprendizagem as pessoas carregavam, ao qual se tornavam bases para uma sobrevivência.

Ao longo da história da humanidade os vários regimes e momentos econômicos estabelecidos sempre separaram os que têm dos que não têm, o senhor do servo, o burguês do proletário. No entanto, esqueceu-se de que eles representam humanos com grandes potenciais, que foram colocados em uma sociedade de classes que os discriminavam e os posicionavam na posição de exploradores e explorados.

Com o capitalismo, o dinheiro ganhou força e reforçou, sob a bandeira da possibilidade de igualdade, falácias sociais e econômicas quase irreversíveis. Na sociedade atual, os indivíduos devem adquirir um grande conjunto de propriedades formais que proporcionem uma compreensão impecável e lógica das forças que atuam sobre o meio ambiente e suas relações com os outros. O domínio de algumas destas qualidades é adquirido através da literacia financeira, entendida como um processo de transferência de conhecimento que permite desenvolver nas pessoas competências que lhes permitam tomar decisões informadas e confiantes e melhorar a gestão das suas finanças pessoais.

Quando há melhorias na economia de uma sociedade, os indivíduos ficam mais integrados e mais ativos na esfera financeira, aumentando o seu bem-estar. Mudanças tecnológicas, regulatórias e econômicas tornaram os serviços financeiros mais complexos. Mas a falta de conhecimento do público sobre o assunto está interferindo nas decisões financeiros do dia-a-dia de indivíduos e famílias, levando a resultados piores do que o desejado.

A Educação Financeira se faz indispensável para formar cidadãos conscientes com tomadas de decisões em se tratando de necessidades e desejos de consumo, atenuação de desperdícios e gestão da renda (GONÇALVES, 2015).

A melhor maneira de lidar com o assunto é fazer uma integração do aluno com a escola e a casa, onde permitirá que os alunos tenham mais aprendizado na escola e colocar em prática no dia a dia, entendendo que a Educação Finanças é muito importante, o seu objetivo não é enriquecer, mas desenvolver conscientização e desenvolvimento de atitudes, para saber lidar com o dinheiro, como diz Sthepani (2005, p.12):

Cada indivíduo participante do processo de formação do ser humano tem uma parte de responsabilidade nesse processo de mudança pela qual a educação passa. E a Educação Financeira vem ser um elo entre várias áreas do conhecimento, no sentido de fazer com que trabalhem juntas e formem na epistemologia do aluno conceitos capazes de instrumentalizá-lo para a construção de sua autonomia. Assim a educação financeira não será apenas um aprendizado em fase escolar, mas acompanhará o aluno por toda sua existência.

Por isso, entendemos que, por meio da educação financeira, as pessoas podem adquirir esse conhecimento, que impactará diretamente no seu bem-estar que, de forma mais ampla, pode afetar a economia do país.

Observando hoje a economia, e em alguns casos as suas oscilações, vemos também o quanto as pessoas tem dado descrédito ao planejamento financeiro, contudo o corpo deste presente texto tem também como objetivo fazer a alusão da importância do ensino aprendizagem com foco em fortalecer um financeiro domiciliar e conscientização para uma sociedade.

Vemos hoje que sempre haverá a necessidade de novas metodologias serem aplicadas para propiciar um bom ensino, pois assim como diz D'Aquino (2008, p. 10):

Educar não é tarefa fácil. Sobretudo quando se trata de educar num cenário em que a ética do consumo, as rápidas transformações dos vínculos familiares e a novidade de viver num ambiente de economia estável se juntam para nos confundir. Todavia, mesmo difícil, cansativa e tantas vezes desorientadora, a aventura de proteger, formar e emancipar alguém a quem se quer tão bem não tem paralelo em prazer e amor. Ensinar os filhos a lidar com o dinheiro é parte fundamental nesse processo. (D'AQUINO, 2008)

Transferir conhecimento sempre foi construtivo, e gerou bons resultados. Frankenberg (1999, p. 39) diz que o lema dos vencedores é “poupar com sabedoria, investindo com segurança e supervisionando regularmente os ganhos, e gastar com prudência, distinguindo o essencial do supérfluo”.

2 **CAPÍTULO I – A EVOLUÇÃO FINANCEIRA E SEUS CONTRIBUINTES**

Neste capítulo, o objetivo é discorrer sobre fatores que constituíram e fortaleceram a economia, contudo a observamos desde a pré-história, sendo que, em toda a história da humanidade, houve necessidade de compra, porém antigamente, o método utilizado era a troca, assim, eles trocavam o que possuíam com o que necessitavam no momento, entretanto, veremos fatos na história que tiveram muita importância, e seus resultados que repercutem até os dias atuais. Entre eles, temos a origem do dinheiro com o seu aprimoramento, o histórico de processos que fizeram a diferença na sociedade e cooperou para seu crescimento e desenvolvimento econômico. Em seguida, um fenômeno notável e inovador, o Capitalismo, presente em diversas áreas e visando a lucratividade. Finalizando com um dos marcos que ficou para a história, as Revoluções Industriais, apresentando demasiados elementos que tiveram importância para a evolução das indústrias e da economia, sendo que cada revolução serviu como fundamento para a revolução seguinte, contudo, não podemos deixar de fora e se esquecer de seus resultados e consequências.

2.1 ORIGEM DO DINHEIRO E SUA INFLUÊNCIA NA HISTÓRICA

Há quem diga que as instruções para subsistência através da educação financeira foram desenvolvidas hoje. Livros e artigos mostram que desde a pré-história já se questionavam e aprimoravam estes conceitos, mesmo sendo uma linguagem diferente.

Vejamos, na luta pela sobrevivência, a dedicação não era por coisas supérfluas, mas o homem primitivo buscava defender-se do frio e da fome, porque viviam da subsistência, entende-se deste comportamento como uma herança educacional passada de geração a geração. Com isso, quando havia muitos alimentos obtidos da caça e da pesca eles abrigavam em cavernas, mas quando acabavam eles tinham que se locomover para outros lugares, sendo designado como nômades. Entretanto chega um momento em que esse posicionamento é mudado, por causa do surgimento da agricultura, em que, o plantar e o colher fizeram estabelecerem um local fixo, dando início as pequenas civilizações.

Com o aprimoramento intelectual dos seres humanos, começaram a desenvolver habilidades profissionalizantes, onde o conceito de negociar foi se iniciando, e sendo utilizado como trocas para suprir as necessidades individuais e coletivas.

Em consequência deste crescimento, vieram as navegações e assim começou o contato entre diferentes povos e a troca de diferentes mercadorias. Mas como saber o valor de cada produto e por quanto trocar por outro produto? Então surgiu a necessidade de definir algo que servisse como referência. Assim surgiu o conceito de moeda,

No começo foram definidas mercadorias como moedas, e diferentes mercadorias foram usadas como o boi, arroz e o sal. O sal conserva os alimentos e era difícil de ser encontrado em alguns lugares e por isso era usado como moeda durante o Império Romano. Os soldados eram pagos por seus serviços com sal. Daí vem a palavra salário. Depois de anos descobriram que o metal era melhor para essa função de troca.

Conforme D'Aquino (2008), inúmeros objetos e utensílios foram usados como dinheiro em diversos momentos da história e em diferentes lugares, esse processo de troca era denominado Escambo.

Os primeiros contatos com a moeda e com o dinheiro, trouxe repercussões, porque alguns não conseguiram se adaptar, o desejo era apenas ter contato com outras mercadorias, como bem enfatiza, Netto e Braz (2008):

O produtor, portanto, não tinha na posse do dinheiro o seu objetivo central: o dinheiro lhe servia exclusivamente como meio de troca – o dinheiro funciona aqui como simples intermediação entre mercadorias diferentes. E, na escalada do mercado local, a circulação das mercadorias era restrita: ela passava quase diretamente das mãos do produtor às do consumidor.

Com o comércio aumentando, e não apenas os soldados, mas também alguns trabalhadores sendo assalariados, ocorreu fatos em que, um indivíduo não conseguia produzir tudo o que necessitava para sua sobrevivência ou conveniência. Então alguns indivíduos focaram na produção de uma única mercadoria ou serviço, recebendo um salário pago em moeda e utilizando-a como meio de troca, podendo conseguir todos os bens necessários a sua sobrevivência e para seu consumo.

O fenômeno do consumo tem raízes tão antigas quanto os seres vivos – e com certeza é parte permanente e integral de todas as formas de vida a partir de narrativas históricas e relatos etnográficos (BAUMAN, 2008, p.37).

Este fato deu início a um modo de produção com resultados relevantes, trazendo um aumento de capital. Um processo importante para a sociedade, ao qual, um tempo depois foi

chamado de Capitalismo. A possibilidade de visibilidade, facilidade de transporte e beleza, fez do metal o principal padrão de valor a ser adotado pelas populações. Por isso materiais como ouro, prata e bronze passaram a ser usados para criar Moedas. As primeiras moedas que conhecemos hoje, geralmente feitas de metal para representar valor, apareceram na Lídia (atual Turquia) no século VII a.C.

Com o tempo, em algumas regiões, a violência começou a ter um aumento constante, onde os furtos de moedas eram recorrentes, contudo, houve a necessidade de armazenar moedas com segurança, dando origem aos bancos. Os revendedores de lingotes possuem cofres e serviços de guarda, que são responsáveis por guardar o dinheiro dos clientes e emitir recibos por escrito dos valores depositados.

Com o tempo, esses recibos (conhecidos na época como "contas de ourives") começaram a se tornar uma forma de pagamento para os titulares por serem mais seguros do que dinheiro. Assim, surgiram as primeiras notas ou cédulas de "papel-moeda", enquanto a custódia do valor físico deu origem às instituições bancárias. (Gonçalves 1984).

E assim, com o dinheiro já sendo utilizado, o comércio se expandiu internacionalmente, levando um crescimento extraordinário para a burguesia e enriquecendo países. Houve também transformações e inovações nas produções e nos negócios, e com o enriquecimento, levando se em conta, muitos países da Europa começaram a investir em indústrias e no aperfeiçoamento técnico do trabalho, dando se início a Revolução Industrial.

Entretanto, essa evolução do dinheiro deve aumentar ainda mais seu papel na vida das pessoas, pois quanto mais o indivíduo consome, maior são as alternativas que os bancos querem-lhe oferecer crédito, como refere Fortuna (2005, p. 213), "existe, hoje, uma série de alternativas de dinheiro de plástico que facilita o dia a dia das pessoas e representa um enorme incentivo ao consumo por significar uma alternativa de crédito intermediada pelo mercado bancário".

2.2 CAPITALISMO: O SISTEMA ECONOMICO EM COMPETIÇÃO

Um fenômeno que dá grande valor e importância a educação financeira nos últimos dias vem de resultados obtidos pelos desenvolvimentos de países e comércios que visam o capitalismo como um caminho que leva ao enriquecimento em um longo período, mesmo passando por processos de competitividade, que é a visão dos anticapitalistas.

O aprimoramento de estratégias para aumentar o sistema econômico, baseado no capital, fez com que o poder de compra e venda aumentassem, dessa forma, algumas pessoas vendem outras compram, havendo uma necessidade de aumento de o que chamamos de produção e consumismo, e elas ocorrem ao mesmo tempo, onde você pode ser um grande consumista, ou um grande produtor, isso vai variar de pessoa para pessoa.

Uma análise que descreve as empresas hoje em dia, que investem em uma economia capitalista, é pelo processo em que eles vivenciam para se diferenciar dos demais, assim com propósito de reter ganhos monopólicos, como bem enfatiza Kupfer e Haguener (2013):

A concorrência é o fenômeno mais característico das economias capitalistas. É indiscutível, no entanto, que a construção do conceito de concorrência encerra uma grande complexidade. Desde as noções que lhe são preliminares como as de empresa, indústria e mercado, até a identificação das variáveis básicas descritivas das estruturas dos mercados e das condutas das empresas, a noção de concorrência apresenta-se como um objeto analítico que insiste em se situar além da capacidade explicativa das formulações teóricas disponíveis.

Contemporaneamente, as pessoas vivem sob a égide da etapa do capitalismo, denominada por Chesnais (2015) de mundialização financeira, onde ele vai dizer que o capitalismo representa o processo simultâneo e combinado de concentração e centralização do capital monetário, industrial e comercial, resultante das fusões e aquisições em âmbito nacional ou transnacional.

Sempre existirá uma imensa capacidade estratégica inserida no estado capitalista, Segundo Harvey (2012), o capital refere-se a vida existente em um ambiente capitalista:

O capital é o sangue que flui através do corpo político de todas as sociedades que chamamos de capitalistas, espalhando-se, às vezes como um filete e outras vezes como uma inundação, em cada canto e recanto do mundo habitado.

O capitalismo é basicamente um sistema econômico, baseado na propriedade privada, acumulação de capital e busca de fins lucrativos, e vale apenas entender que por trás de qualquer ação, ideologia ou estrutura, existe um pensamento predominante, onde sua lógica é que sejamos induzidos cada vez mais a comprar e adquirir produtos, até mesmo sem necessidade, nos levando ao ciclo do consumismo.

O lucro e a acumulação de capital dentro do capitalismo são alcançados através da propriedade privada dos meios de produção, o que pode mostrar que o capitalismo está em um longo processo. A palavra Capital vem do latim *capitale* e significa "cabeça", no qual faz uma referência às cabeças de gado, a qual era uma das medidas de riqueza e de comercialização nos tempos antigos. Atualmente, capital está relacionado diretamente com o dinheiro ou crédito. O capitalismo hoje se encontra bem junto com o pensamento liberal, baseado na liberdade, consentimento dos governados e igualdade perante a lei.

Transição histórica para os tempos modernos e o desenvolvimento do mercantilismo, entendido por muitos como a fase inicial do capitalismo comercial. Mas além disso, o capitalismo também será caracterizado pela iniciativa privada liberal de uma economia de mercado, a divisão da sociedade em classes e além disso também podemos trabalhar a ideia de acumulação de capital.

Nos modos produtivos precedentes ao capitalismo, como a escravatura e a servidão na gleba, a sociedade era composta por uma classe dirigente que vivia da apropriação do trabalho ou da produção excedente gerada pelos trabalhadores (CATANI, 1984, p.49).

Existe inúmeros fatores determinantes que regem o capitalismo, como o direito à propriedade privada, ao qual é compreendido como um direito natural dos seres humanos; a liberdade na iniciativa e na concorrência; a lucratividade; a possibilidade de acumular de riquezas; o proletário assalariado; o controle da economia. Mesmo com o aumento e com sua potência, ele tem enfrentado algumas críticas, principalmente em duas frentes: a existência de crises que afetam a economia de tempos em tempos e o quadro de desigualdade social que ele ajudou a criar.

Existe de fato uma verdadeira e inigualável demanda pela formação de trabalhadores em sintonia as necessidades colocadas pela sociedade. Dolabela (2003, p. 83) acrescenta, “a construção do conhecimento parte de situações reais capazes de criar vínculos naturais entre os conhecimentos anteriores e os novos conhecimentos do aluno”.

A evolução econômica do capitalismo tem sido historicamente marcada por ciclos recessivos que criam incertezas e fazem com que muitas pessoas percam seus empregos e, em casos mais extremos, percam tudo o que têm. Nesta época era fácil de analisar e descrever que o crescimento do capitalismo trouxe muita competitividade entre empresas e trabalhadores. O sucesso de um é, num prazo mais ou menos longo, o recuo do outro” (BRAUDEL, 2009, p 24).

Embora a indústria e o comércio façam parte do sistema capitalista, o sistema financeiro atual é o que melhor controla a economia, aumentando os lucros e acumulando cada vez mais capital.

Na teoria marxista, as crises são inerentes ao capitalismo, e os períodos de recessão econômica estão fadados a seguir grandes de retratação econômica. Historicamente, a Grande Crise Econômica ocorreu em 1929, mais tarde conhecida como Grande Depressão. A última crise econômica que varreu o mundo foi em 2008.

Contudo, o capitalismo se desenvolveu durante os anos, e as principais análises separaram a história descrevendo algumas fases do capitalismo, sendo: o comercial, o industrial e o financeiro; chegando até mesmo em o “capitalismo informacional”.

Com o desenvolvimento do capitalismo, o conceito de riqueza também foi modificado; antigamente, o nível de riqueza de uma nação era medido pelo acúmulo de metais preciosos vinculados ao comércio exterior; depois prosperam as teses de Adam Smith, ligando a riqueza aos objetos úteis que uma determinada sociedade pode produzir, referindo-se às qualidades físicas ou concretas dos objetos, tornando-os necessários para as atividades humanas, e para a teoria econômica classicamente, os meios de obtenção de riqueza se resultam pelo trabalho, ou seja, pelo esforço humano para obtenção de tais objetos.

2.3 A INDUSTRIALIZAÇÃO: CONCEITOS E FASES

O crescimento e a expansão do comércio internacional nos séculos XVI e XVII trouxe um extraordinário aumento da riqueza para a burguesia, permitindo uma acumulação de capital capaz de financiar inúmeros progressos técnicos e o seu alto custo na instalação dentro das indústrias. Com o início de grandes desenvolvimentos tecnológicos que aconteceram no final do século XVIII, formou-se o processo que caracterizamos como a Revolução Industrial, permitindo o desenvolvimento da indústria, onde levou à substituição das ferramentas pelas máquinas, da energia humana pela energia motriz e o modo de produção doméstico (ou artesanal) pelo sistema fabril.

Neste processo, com a construção de máquinas e equipamentos evoluídos, permitiram o desenvolvimento e crescimento de indústrias modernas.

A produção em massa da revolução Industrial pôs fim velha forma de produção da terra que era um sistema econômico feudal que permaneceu até então. Com a criação das grandes indústrias e da grande produção, a forma de produzir e vender mudou-se, estados produzem um

tipo de objeto, outros estados produzem outros objetos e, por isso, há necessidade de trocas incessantes entre lugares diferentes e muitas vezes distantes. Além disso, os centros urbanos industriais passaram a focar na oferta de empregos, já que os donos do capital - a burguesia - que investem na construção de fábricas, acabavam selecionando determinadas áreas de acordo com os fatores de produção.

O crescimento econômico de uma sociedade pode não só elevar as rendas das pessoas como também possibilitar ao Estado o financiamento da seguridade social e a intervenção governamental ativa para a distribuição da riqueza em prol da qualidade de vida e da justiça social (SEN, 2007).

Isso acabou resultando em uma ampliação econômico e industrial da Inglaterra primeiramente, depois de todo o mundo ocidental e em decorrer no século XIX até os dias atuais. A industrialização foi um processo que ocorreu em um longo período de inovações, que foi definido em três fases.

2.3.1 Criações e Inovações Trazem Crescimento Para Economia Local.

A primeira fase da Revolução Industrial consistiu num conjunto de transformações técnicas, sociais e econômicas que surgiram com a sociedade industrial nos séculos XVIII e XIX na Inglaterra e, posteriormente, irradiaram para a Europa e Estados Unidos (JORGE NETO; CAVALCANTE, 2015, p.11).

Marcada pelo advento da máquina a vapor e pela transição da manufatura para a produção em massa (fábricas de máquinas). Foi responsável por grandes alterações no processo produtivo, isso significa que todo aquele processo de produção anual e artesanal foi substituído por um processo de produção feito por máquinas e que acontecia com muita intensidade e muita velocidade. Estas substituições foram responsáveis pelas alterações nas relações trabalhistas que existiam na época, o motivo era simples, como as máquinas eram de fácil manuseio, não precisando ser um profissional, os patrões contratavam seus funcionários pagando menos e dando uma carga de trabalho maior, trazendo uma desvalorização para os trabalhadores.

Com grandes inovações para o aperfeiçoamento da produção, houve a criação da máquina a vapor, criada por Thomas Newcomen, por volta do ano 1698 e aprimorada por James Watt em 1769, que basicamente fez com que a máquina a vapor reduzisse a quantidade de

energia que era desperdiçado, e com isso conseguiu garantir um funcionamento mais eficaz dela. Em seguida, locomotivas e estradas de ferro trouxeram maior fluxo de transição entre as cidades com cargas de minério e carvão, se espalhando por toda a Inglaterra e pelo mundo.

Foi na Inglaterra, no período de 1780-1830 que o sistema fabril se desenvolveu, sem enfoque no mercado de alimentos, mas sim no mercado têxtil (algodão), onde diversas invenções transformaram o processo industrial (CONCEIÇÃO, 2012, p.94). Contudo, as primeiras máquinas foram criadas para facilitar as primeiras mercadorias, sendo elas: A Lançadeira Volante (Fluyng Shuttle), a Máquina de Fiar (Spinning Jenny) e o Tear Hidráulico (Water Flame). A Lançadeira Volante permitiu com que os trabalhadores conseguissem dobrar a quantidade de fios que eram tecidas, produzindo o dobro no mesmo tempo que antes. A Máquina de Fiar permitia que uma pessoa conseguia tecer 18 fios, dando uma grande lucratividade a burguesia e as indústrias.

Após estas duas grandes invenções, surgiu a terceira que é o Tear Hidráulico onde não mais necessitava força humana, diferente das duas primeiras, ele apenas utilizava da força produzida do movimento que a água fazia em um moinho. Para termos mais uma ideia deste, para aumentar a capacidade de produção, um Tear Hidráulico conseguia tecer 128 fios, sendo manejado por apenas uma pessoa. A grande escala da maquina fatura durou até a metade do século XIX, quando novos avanços inauguram uma nova fase da revolução industrial.

2.3.2 Novas Empresas Surgem e a Produção é Potencializada.

Ocorrida entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, foi marcada pelo uso da energia elétrica e pela organização dos trabalhadores e terminou com o fim da Segunda Guerra Mundial, 1939-1945. Esta fase da Revolução Industrial representou o início de uma nova era. Residindo na Inglaterra, mas expandindo para outros países, digamos que, isso fez com que um novo patamar de industrialização fosse alcançado. O foco da evolução concentrou-se no uso de novas fontes de energia, especialmente a elétrica, hidráulica e o petróleo, bem como a consolidação do aço como material básico de metalurgia e inovações na indústria química e automobilística (PIROLO; OLIVEIRA, 2018, p.56).

As tecnologias introduzidas nesse período possibilitaram a produção em massa, a automatização do trabalho e o surgimento de diversas indústrias, principalmente as elétricas e químicas. Houve também um grande aumento do número de empresas e um grande avanço na

siderurgia (arte de trabalhar com aço ou ferro). A expansão da ferrovia permitiu a circulação dos bens produzidos e o aumento do mercado consumidor.

Outra questão interessante que aconteceu neste período foi o caso em que a mão de obra de um trabalhador era desperdiçada enquanto esperava que outro completasse sua tarefa.

Para resolver esse problema, o empresário norte-americano Henry Ford construiu um modelo eficiente baseado nas necessidades de expansão da indústria automobilística, projetou a chamada linha de produção, que é composta por uma esteira transportadora que movimenta os produtos finalizados. Em cada ação, um trabalhador concluía uma pequena parte da montagem do produto industrial.

Por meio desse modelo, Henry Ford conseguiu reduzir o número de problemas que afetavam a qualidade dos produtos a serem produzidos. Ao mesmo tempo, aumentou a produtividade ao conseguir construir muitos carros nunca antes vistos. Contudo, com estas inovações que trouxeram praticidade e facilidade, o capitalismo nesta fase se tornou cada vez mais monopolista e menos competitivo.

2.3.3 A Globalização e a Era Digital.

Ocorrida desde o final da Segunda Guerra Mundial, denomina-se principalmente pelo progresso tecnológico e a otimização dos processos industriais, a mesma provocou um avanço notável em diversos setores, principalmente aqueles ligados à alta tecnologia e aplicada nos setores de: telecomunicações e internet robótica, engenharia genética e microeletrônica. Os avanços tecnológicos ocorridos neste século, permitiram produzir mais do que a demanda pelo produto. Portanto, existiu uma necessidade de encontrar formas de assimilar a produção. Uma destas formas foi o consumo que era excessivo (estimulando o consumo acima das necessidades) e precisava de uma busca de novos mercados consumidores.

Para o sucesso desta fase da Revolução Industrial, o desenvolvimento dos meios de transporte foi fundamental, com inovações e criações de grande utilidade, o transporte marítimo e aéreo permitiu a conquista de novos mercados consumidores. O principal objetivo das indústrias então era produzir mais em menos tempo, utilizando tecnologia avançada e uma liderança qualificada na mão de obra envolvida na fabricação e comercialização dos bens produzidos.

Nesse período, o crescimento da economia em diversos países foi caracterizado pela manutenção de déficits orçamentários, importações generalizadas fabricadas por europeus e

japoneses, e através da política monetária apertada. Isso resultou em juros altos e chegando a ser internacional.

Um marco acontece na década de 1989, com a queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética, o último obstáculo para a produção cai e este período é marcada pelo início do processo de globalização, que teve alguns fatores que a favoreceu, como o surgimento da robótica (1970) iniciando a informatização dos sistemas. A chegada da internet (www), na década de 1990, ampliou ainda mais relações do comércio e da indústria, pautada na era digital (SCHLÖTZER, 2015, p.5).

Isso possibilitou a segmentação da produção em diversos países, as áreas de controle e de produção da indústria não precisavam estar mais no mesmo local, com isso, ela se espalhou chegando até mesmo no Brasil, e ocorreu o que chamamos de industrialização por tardia.

Por outro lado, as empresas, especialmente as grandes companhias transnacionais, passam a exigir, cada vez mais, especialistas em determinadas funções e profissionais dotados de habilidades e competências múltiplas para exercerem profissões de destaque – imprescindíveis ao funcionamento dessa nova roupagem do sistema capitalista (BARROSO, apud MARTINS, 2012).

2.3.4 Causas e Consequências

Vários são os motivos que causaram o surgimento e o fortalecimento da Revolução Industrial, sendo o crescimento científico, político e econômico. Destacando-se entre eles: o fortalecimento da classe burguesa na Inglaterra, várias invenções (máquina de fiar, tear mecânico, máquina a vapor, etc.), o uso de fontes modernas de energia (carvão e petróleo) e a melhoria da tecnologia de produção e grande influência intelectual, trazendo crescimento para o mercado mundial.

As Revoluções Industriais impactaram não só a economia e os setores industriais, mas também as relações sociais, a relação entre o homem e a natureza, provocando mudanças no modo de vida das pessoas, nos padrões de consumo e no meio ambiente. Cada etapa da revolução representa uma transformação diferente e consequência do progresso alcançado em momentos diferentes. Este processo concentra a riqueza nas mãos da elite, e com isso vem um acentuado aumento da miséria e da saúde dos desfavorecidos.

A rápida industrialização que acompanhou o processo de industrialização capitalista, exerceu também uma influência considerável sobre o padrão de vida da classe operária. Em

1750, somente em duas cidades na Inglaterra a população alcançava 50.000 habitantes. Em 1850, 29 cidades com a mesma população. Em meados do século XIX, aproximadamente de cada três pessoas, uma vivia numa cidade com mais de 50.000 habitantes. As condições de vida nas cidades desta época eram terríveis. (...) A violenta destruição do modo de vida tradicional dos trabalhadores, a dura disciplina implantada sob o novo sistema fabril combinada às condições deploráveis de vida nas cidades geraram muita inquietação política, econômica e social. (HUNT; SHERMAN, 2001, p.74)

Contudo, houve também uma intensa mobilização dos trabalhadores e uma ampla difusão das organizações sindicais referente a esta luta dos trabalhadores, que foi responsável pela melhoria nas condições de trabalho e pela pressão junto aos governos com o objetivo de criar uma legislação trabalhista, resultando na criação de um sindicato.

Outra questão que as revoluções trouxeram como consequência, a elevação do consumo na modernidade, onde alguns como Slater (2002), McCracken (2003) e Taschner (2009), as interpretam como resultados do aumento da oferta e do barateamento da mercadoria produzidas a partir das revoluções e sua lógica de produção em massa.

O alto consumo constituiu uma dependência do sistema econômico, no qual os indivíduos passam a consumir uma maior quantidade em razão do crescimento da disponibilidade de ofertas de consumo e com preços e formas de compras acessíveis, mas as pessoas não conseguiam acompanhar as indústrias, contudo necessitava produzir produtos com menos vida útil.

3 CAPÍTULO II – A EDUCAÇÃO FINANCEIRA E SUA IMPORTÂNCIA PARA ECONOMIA

Neste capítulo, veremos a importância da educação financeira no mundo, em geral, e apresentaremos algumas razões pelo qual uma pessoa chega a uma decadência financeira, e também soluções para mudar o estado presente e preparar-se para um futuro mais vantajoso. Uma das razões que iremos discorrer será sobre o consumismo, que tem sido uma causa enriquecedora para o capitalismo. Ser educado financeiramente também significa ser capaz de tomar decisões estratégicas informadas sobre o uso do dinheiro. Portanto, é necessário saber avaliar o possível impacto dos recursos agora e no futuro.

3.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Hoje nos deparamos com situações constrangedoras onde a falta de controle financeiro cresce a cada dia em um nível exponencial. As crises existenciais hoje nos mostram o resultado de endividamento, nos retrata a falta de gestão e disciplina que muitos do poder aquisitivo estão envolvidos.

A Educação Financeira se faz indispensável para formar cidadãos conscientes com tomadas de decisões em se tratando de necessidades e desejos de consumo, atenuação de desperdícios e gestão da renda (GONÇALVES, 2015). Saber lidar com o dinheiro é essencial para quem deseja viver com tranquilidade financeira. Sem uma compreensão da educação financeira, os melhores salários podem não ser compatíveis com o estilo de vida de quem os recebe.

A Educação Financeira (EF) deve existir na vida de todo cidadão, ela ensina a organizar gastos, reduzir gastos e economizar. Na vida pessoal e doméstica, ajuda nas viagens, na compra de alguns bens materiais ou no financiamento. Na vida empresarial, é possível aumentar os lucros investindo em opções que permitam à empresa obter maiores retornos. Muitos investidores se tornaram grandes, porque entenderam a energia que estava em suas mãos, e a importância de uma mudança de hábitos, neste sentido garante Eker (2005):

O dinheiro é uma parte fundamental da existência humana. Quando você aprender a colocar as suas finanças sob controle, todos os setores da sua vida andarão bem.

O conhecimento da Educação Financeira é fundamental para a formação de cidadãos críticos, capacitando-os a compreender seus direitos e responsabilidades. No comércio em geral, o número de produtos oferecidos aumenta constantemente e, com isso, os consumidores recebem uma série de incentivos, aumentando o risco de eventuais gastos saírem do controle. O mercado financeiro, embora ainda pouco explorado pelos investidores mais jovens, tem apresentado grande potencial de crescimento nos últimos anos.

Assim, mostrará que para alcançar sonhos e objetivos, os indivíduos devem ter uma base de conhecimento capaz de controlar gastos e destinar recursos para investimentos. Para Domingos (2014), a educação financeira nada mais é do que o processo de auxiliar na gestão dos recursos financeiros por meio do processo de mudança de hábitos e costumes desenvolvidos há gerações. Portanto, não basta apenas aprender a usar os números se você não conhece as vantagens que o conhecimento pode proporcionar. Conforme mencionado pelos autores acima, as finanças pessoais são fundamentais para o gerenciamento de renda e gastos pessoais e/ou familiares.

Quando esse ajuste não é feito e as despesas começam a superar as receitas, o impacto nos relacionamentos e na qualidade de vida gera situações desconfortáveis como: estresse, intrigas, irritações, mau humor e preocupações que acabam por arruinar o dia-a-dia dos indivíduos perdidos.

Guindani, Martins, Cruz (2008) confirmou esta afirmação e demonstrou que uma das soluções para tais problemas financeiros é porque as pessoas não sabem como usar o dinheiro corretamente: podemos responder que quando investimos, é um bom negócio nos dá mais dinheiro em troca do que juros. Existe uma frase bem famosa de Albert Einstein, onde descreve um dos abismos da queda financeira, “a força mais poderosa do universo [são] os juros compostos” (D’ANDRÉA, 2013), entende-se, que existe uma relação entre falta de conhecimento financeiro e geração de dívidas.

Quase todas as empresas usam dinheiro mais barato para colher grandes retornos futuros. Então, o empréstimo pode ser uma boa opção, mas depende do destino do dinheiro (prós e contras).

É preciso entender que educação financeira não é deixar de comprar as coisas que você gosta, ou fazer as viagens que você quer economizar. A vida é feita de escolhas, sejam elas conscientes ou não. Os humanos são os únicos capazes de confiar em mais do que instinto e emoção. No entanto, há momentos em que você age ou faz escolhas baseadas inteiramente em suas emoções.

Muitos estudos sobre a socialização da educação financeira nas escolas têm sido realizados principalmente em disciplinas correlatas, como a matemática. No entanto, a atual BNCC (Base Curricular Nacional Comum) exige que o tema seja abordado em todos os cursos respeitando as aptidões e competências a serem desenvolvidas em cada etapa da educação básica, permeando sua transversalidade e tornando-o um componente da formação do aluno. Em geral, os aspectos consolidados, do ponto de vista do nível de conhecimento financeiro dos indivíduos convergem para algumas hipóteses, que serão discutidas neste estudo.

A atividade cerebral no planejamento futuro e os atrasos nas recompensas são descritas com mais detalhes e com maior entusiasmo. Usualmente atinge a maturidade completa no final da adolescência.

Portanto, a educação os limites as regras civilizacionais, as pequenas punições (exemplo: juros e multas por atraso no pagamento perda de crédito) desempenham um papel essencial para o desenvolvimento equilibrado do encéfalo. No entanto, mesmo em pessoas saudáveis, civilizadas e educadas, o conflito neural diante de uma sociedade de consumo,

estratégias de marketing avassaladoras é formidável. Por isso é necessário ensinar funções cerebrais e estratégias de vendas que visam ajudar a fazer escolhas diárias com pequenos aportes.

Hoje em dia, saber lidar com os recursos financeiros é muito mais importante do que saber ganhar dinheiro, porque quem tem muito dinheiro, mas não sabe controlar como gasta e investe não é nada; quem não tem muito dinheiro, mas sabe como guardá-lo e investi-lo, muitas vezes até multiplicando o valor que possui.

3.2 O CONSUMISMO: A BUSCA PELA SATISFAÇÃO.

No decorrer de toda a história, vemos um crescimento de consumo, chegando a ser exagerado, e este relacionamento em excesso, mostra a como que a sociedade está se portando com o crescimento da globalização. Assuntos como o consumismo devem ser enfatizados em sala de aula, pois em conformidade com Freire é essencial “discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina” (FREIRE, 1996, p. 33)

No entanto, a produção constante de bens de consumo pelo sistema industrial que reforça o capitalismo ocidental é muitas vezes considerada um símbolo do desempenho bem-sucedido da economia capitalista moderna. Infelizmente, essa abundância começou a sofrer negativamente, tornando-se objeto de críticas de que o consumismo é um dos grandes problemas da sociedade industrial contemporânea (PORTILHO, 2005).

Com o progresso da produção, as mercadorias estão distantes das pessoas e do conhecimento em termos de meios de produção. Para entender o que está acontecendo, basta pensar no quanto você conhece, por exemplo, o processo de produção de algo que você compra. O consumo na sociedade está associado ao ato de suprir as necessidades humanas, aquelas que são apenas essências para a sobrevivência, entretanto, quando um indivíduo recebe influências externas, levando a uma escolha autônoma, como para optar em consumir ou não, levando a um quadrante de consumo não alienado.

Já o consumismo está ligado a uma patologia (termo usado como doença), quando se remete a um consumo excessivo e alienado, ou seja, descreve uma perturbação mental. A alienação é a principal dimensão do consumismo, e está na base da compra desvinculada da necessidade e do desconhecimento em relação ao valor de compra e de uso, sendo assim, uma sociedade onde a produção é alienada ao consumo, chamada de sociedade de consumo, sofre

estímulos sobretudo pelos meios de comunicação de massa, levando os indivíduos a conviverem com desejos nunca satisfeitos, levando a um poço sem fundo. Nesse sentido, enfatizamos que uma sociedade do consumo:

Tem por premissa satisfazer os desejos humanos de uma forma que nenhuma sociedade do passado pôde realizar ou sonhar. A promessa de satisfação só continua sedutora enquanto o desejo continua insatisfeito; mais importante ainda, quando o cliente não está “plenamente satisfeito” – ou seja, enquanto não se acredita que os desejos que motivaram e colocaram em movimento a busca da satisfação e estimularam experimentos consumistas tenham sido verdadeira e totalmente realizados. (BAUMAN, 2008b: p.105)

O anseio pelo consumo, faz com que o homem perca toda a sua relação com as necessidades reais, levando a gastar sempre mais do que tem. Se analisarmos, os próprios comércios há décadas facilitam a extensão do consumismo, utilizando propagandas, pelos meios de comunicação audiovisual, como por exemplo, os meios de pagamento que são as prestações, os cartões de crédito, as liquidações e as ofertas de ocasião. Esta facilidade de compra fez com que muitos comprassem por diversões. Quando nos deparamos aos poderes de compra, que antes era dado apenas as famílias de classe alta e a burguesia, hoje muitos se sentem com esta autonomia e o desejo de comprar inúmeras coisas e de imediato. Reafirma que um dos aspectos mais criticados no que se refere à sociedade de consumo é a obsolescência programada ou planejada, que consiste na produção de mercadorias previamente elaboradas para serem rapidamente descartadas, fazendo com que o consumidor compre um novo produto em breve (COSTA, 2008; PENA, 2014).

3.2.1 Os fatores que contribuem para o consumismo.

Se observarmos a consciência afetada do consumidor, em que, tomada por uma ideia de novidade, caminha na ilusão de “ter para ser”. Além disso, o sujeito é impulsionado pela ideia de “comprar o que não se precisa com o dinheiro que não se tem”, o que indica que o consumo está relacionado além da satisfação de necessidades, estando atrelado, muitas vezes, ao status social (COSTA, 2008; FONSECA, 2014). Com desejos e atitudes semelhantes a essa, são citados alguns fatores que influenciam um consumidor, por exemplo, no Brasil (como em

qualquer país ocidental) são culturais, sociais, pessoais e psicológicos, de acordo com o SEBRAE (2015).

As propagandas vinculadas na mídia alcança uma grande quantidade de público, em destaque o público infantil onde as crianças são induzidas ao consumo de determinados produtos, principalmente neste tempo, ao qual chamamos de A Era Digital, onde os meios comunicação tem atraído muitos a viverem um fato social, onde se moldam a maneira de agir das pessoas pela influência que eles exercem sobre elas, acordo com Durkheim (2002) fato social é toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou, ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter.

Um posicionamento que despertou muitos em relação ao consumismo, foi quando Adorno e Horkheimer (1944), escreveram um livro chamado “Dialética do Esclarecimento”, onde vão abordar, em um dos seus capítulos, sobre a Indústria Cultural, que vai descrever que se fabricam ilusões padronizadas e extraídas do manancial cultural e artístico. Estas se mercantilizam sob o aspecto de produtos culturais voltados para obter lucro.

3.2.2 Efeitos do Consumismo

O crescimento do comportamento de consumo ocorreu após o aumento da produção industrial desencadeado pela revolução Industrial quando se investiu mais na produção de serviços.

Com o investimento na produção a quantidade de bens à disposição dos consumidores tem aumentado cada vez mais. E para vender o que é produzido, é preciso estimular a demanda do consumidor. Com isso, os hábitos de consumo são cada vez mais incentivados e desenvolvidos. Com o tempo, o consumo foi associado a pensamentos positivos, como felicidade, sensação de satisfação ou sucesso. Por isso o consumismo é um dos problemas da existência do capitalismo.

Outro fator que contribui para o consumismo é a globalização, pois torna diversos produtos facilmente disponíveis em todas as partes do mundo. O fácil acesso a uma variedade de alimentos também incentiva o consumo excessivo. Hoje, sabemos que o consumo pode trazer muitas consequências, como o endividamento e o surgimento de doenças como ansiedade e depressão.

O consumismo também causa danos ao meio ambiente, como a produção excessiva de lixo, além da grande quantidade de poluição gerada pelas indústrias. Atualmente, o consumo excessivo não é uma alternativa sustentável e é conhecido por causar sérios impactos ambientais.

3.3 CRISES ECONÔMICAS

Para alguns, uma crise econômica pode ser entendida como as consequências de um “desequilíbrio” ou “desequilíbrio da atividade” nas variáveis políticas econômicas, mas outros a entenderiam como um resultado cíclico da organização da produção. Há quem diga que as crises seriam anomalias, anomalias sistêmicas resultantes da falta de visão de longo prazo e eventos absolutamente externos à natureza das relações de produção. Por outro lado, a natureza das relações de produção exigiria o movimento do capital, o que mobilizaria certas atividades humanas e seria entendido como uma crise.

Pelos últimos 100 anos, o mundo enfrentou dificuldades que exigiram tomadas para decisões e medidas que, segundo especialistas, muitas vezes servem para que a sociedade sofra menos em um desafio. Saber, ocasiões passadas e como enfrentadas pode ser grande valia para viver o que acontece atualmente.

Em todos os tempos houve uma crise econômica, e os motivos principais foram as dívidas e a falta de gestão financeira. Segue uma cronologia histórica das complicações econômicas que o mundo viveu: A Grande depressão (1929), O fim do sistema padrão-ouro (1971), O embargo do petróleo no conflito árabe-israelense (1973), A Revolução Iraniana (1979), Iraque invade Irã (1980), A Segunda-feira Negra (1987), A crise do peso mexicano (1994), A crise dos Gigantes Asiáticos (1997), A crise do rublo (1998), A crise das pontocom (2000), As Torres Gêmeas (2001), A crise argentina (2002), A Grande Recessão (2009) e a crise da dívida na Europa (2010). Os principais resultados foram dívidas externas, aumento da inflação, desvalorização da moeda e dos mercados, e etc.

4 CAPÍTULO III – A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO ENSINO APRENDIZAGEM

Neste capítulo o objetivo é descrever a importância que a educação financeira tem nos ambientes de ensino aprendizagem, sendo que, com o uso deste processo pedagógico contínuo,

leva uma pessoa a assimilar, entender e colocar em prática aquilo que lhe foi ensinado. O seu uso também tem como objetivo sensibilizar e orientar pessoas de todos os níveis econômicos e culturais. No âmbito escolar, a aprendizagem da educação financeira traz um reflexo no meio em que o aluno se encontra, fazendo com que ele leve consigo conceito e certezas de qual a melhor maneira de utilizar o seu dinheiro. Veremos a sua significância no âmbito familiar, onde existe padrões de fato sociais podem ser quebrados, fazendo com que sejam movidos a possibilitar a aquisição de noções básicas inerentes à administração racional das suas finanças, mesmo com objetivos diferentes. Também entenderemos o quanto ela faz com que o aluno veja a matemática financeira com outros olhos.

4.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO ÂMBITO ESCOLAR

Quando analisamos o conceito de educação financeira, vemos que existe uma semelhança em relação à matemática financeira, sendo que a matemática financeira envolve um conhecimento técnico de fórmulas matemáticas para se calcular valor de juros, saber o valor presente de uma dívida, valor do dinheiro no tempo e muito mais.

Em 2016, o Programa de Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF) nas escolas ganhou um novo patamar, fazendo dos professores um personagem muito importante para estes resultados. Além de criar ambientes virtuais de aprendizagem, as estratégias atuais incluem: Projeto Piloto de Implantação de Centro de Formação de Professores em Articulação com Universidades Estaduais Secretaria Estadual e Municipal de Educação. O objetivo do centro era criar e oferecer uma variedade de cursos. Programa de Expansão da Educação Financeira para Professores nos Países. O primeiro pilar foi implementado. Está no Tocantins e novos núcleos estão sendo desenvolvidos em Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul. Após harmonizar programas de educação financeira. Uma das grandes conquistas da ENEF desde a sua criação foi a inclusão da educação financeira na BNCC. Aprovado em dezembro de 2017.

A colocação é o resultado de refletir as opiniões dos membros do comitê. Inclui Enef (Conef), Ministério da Educação (MoE) e Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e Banco Central do Brasil (BCB). O BNCC “define claramente o currículo” é um direito importante e insubstituível de todo estudante, crianças, jovens e adultos. Rede como ele referências estaduais a escolas e instituições públicas e privadas são agora obrigatórias. Desenvolvimento ou Pertinência do Currículo e Recomendações Pedagógicas não apenas os professores, mas os

próprios líderes. Para agilizar e otimizar este processo, os treinamentos podem ser ministrados presencialmente e à distância. Um ambiente de aprendizagem usando a Internet.

A Educação Financeira Escolar constitui-se de um conjunto de informações através do qual os estudantes são introduzidos no universo do dinheiro e estimulados a produzir uma compreensão sobre finanças e economia, através de um processo de ensino, que os torne aptos a analisar, fazer julgamentos fundamentados, tomar decisões e ter posições críticas sobre questões financeiras que envolvam a sua vida pessoal, familiar e da sociedade em que vivem (SILVA; POWELL, 2013, p. 12-13).

O desejo de desfrutar de uma vida financeira mais consistente, sem brechas no orçamento mensal e equilibrar os gastos é o sonho de muitos, e com este tema sendo aplicado em sala de aula, faz com que isso se torne disponível a todos, trazendo até mesmo acessos que facilitam inúmeras informações chegarem até você, pelas mídias de comunicação. Com a crise econômica mundial de 2008, a questão da educação financeira ganhou cada vez mais destaque no cenário político global. Especialistas de organizações internacionais como a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) voltaram a sua atenção para a importância das questões relacionadas à educação financeira.

Atrair o aluno a entender a importância de ter um bom controle de gasto, não é apenas uma preocupação da educação em geral, mas também daqueles que ensinam a educação financeira. No caso da matemática, Lusardi e Wallace (2013) destacam que:

Para estudantes que não compreendem o papel que os juros exercem na construção da riqueza/ patrimônio [...], que não entendem a matemática por trás dos juros, é muito difícil explicar a importância de começar a poupar cedo ou o quão rapidamente uma dívida aumenta ao realizar empréstimos com altas taxas cobradas por instituições de cartão de crédito, empréstimos a taxas diárias ou outros tipos de empréstimos de custos altos.

Economizar e não ter dívidas, são as primeiras palavras que vem na nossa mente quando estamos envolvidos deste assunto. Porém, este envolve estratégias e soluções mais cabíveis para que uma pessoa se relaciona com o dinheiro e compreende as informações relacionadas a ele.

Ela é essencial para quem busca valorizar o seu trabalho e se sentir mais confortável com seus orçamentos. Afinal, você tem que trabalhar para ganhar dinheiro todos os dias. Portanto, você geralmente não quer desperdiçar o seu salário ficando ocioso ou gastando em coisas desnecessárias. Nesse sentido, a educação financeira ensina como atingir os seus

objetivos de vida com base em dois pilares fundamentais: a organização das despesas e a alocação desses recursos, e isso se tornam chaves poderosas nas mãos de um professor.

Neste contexto, a educação financeira é definida como "o processo pelo qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão dos conceitos e produtos financeiros para que, através da informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e competências necessárias para se tornarem mais conscientes as oportunidades envolvidas e de menos risco". No geral, isso significa que a aprendizagem da educação financeira pode ajudar as pessoas a fazer escolhas mais informadas e responsáveis sobre o planejamento financeiro pessoal e governamental.

O educando acredita num discurso repetitivo de que a matemática é difícil e acredita que ela não será mais necessária para a sua formação, esquecendo-se de que é uma ferramenta fundamental para a tomada de decisão (CHRISTOVAM, 2017, p. 17).

Seguindo neta mesma linha de raciocínio, Bastos (2010, p.1) complementa, afirmando que "As finanças precisam ser inseridas na educação das crianças para serem formados adultos com noção de orçamento, poupança, ganhos e gastos".

Através da Matemática Financeira é possível, sobretudo, o desenvolvimento de atividades que instiguem a investigação, a interpretação e a análise de situações do cotidiano, numa perspectiva de que o aluno possa ser um agente ativo no processo de ensino-aprendizagem e, paralelamente, também desenvolva o seu senso crítico a fim de favorecê-lo na tomada de decisões diante das dificuldades que o mundo poderá-lhe impor.

Santos (2008, p.8) faz uma afirmativa sobre a Matemática Financeira, que ela se apresenta como uma excelente alternativa, "visto que ela é contextual por excelência, é atual e necessária para a formação de um indivíduo crítico, pois ela dá subsídios necessários para a tomada de decisões importantes para a sua vida".

Entretanto, a Educação Financeira não se limita apenas ao conteúdo de Matemática Financeira, ou ainda apenas na disciplina de Matemática, mas sim constitui algo bem mais amplo e que perpassa por várias áreas do conhecimento, tais como, Psicologia, Sociologia, Filosofia, entre outras.

Na Escola, um dos papéis da Educação Financeira é o de fortalecer o hábito de controle e da maturidade financeira visando benefícios futuros. O que é possível a partir do momento em que se busca ensinar a estabelecer prioridades e a diferenciar as mesmas do desejo, relacionando essa questão com a possibilidade de satisfazer o que colocamos em primeiro lugar.

Propõe-se a inserção do ensino da educação financeira no eixo que tem vindo a constar da base curricular nacional comum (BNCC) do ensino inicial e fundamental como disciplina transversal, presente, portanto, em várias componentes curriculares, tornando-se obrigatória a partir de 2020. Entretanto, existe uma dedicação pela forma agradável para a criança com o envolvimento dos pais, na realidade de todos é a nossa proposta, utilizando as ferramentas necessários para tal.

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE, 2005) descobriu que muitas pessoas em diferentes países não apenas carecem de conhecimento e aptidões para administrar adequadamente as suas finanças pessoais, mas também desconhecem as suas próprias necessidades de tal conhecimento, mencionando uma provável fonte de problema.

Obter orientações amplas sobre comportamentos adequados no planeamento e uso dos recursos financeiros, pode ajudá-las a solucionar as suas dificuldades, bem como a planejar melhor as suas vidas. Para eles serem capazes de alcançar os seus objetivos e sonhos. Nesse sentido, a escola pode dar uma contribuição significativa ao formar economicamente os alunos, pois eles, por sua vez, repassam esse conhecimento para as suas famílias na forma de um efeito multiplicador.

De maneira geral, a escola traz uma preocupação na formação dos alunos com vistas ao ingresso na universidade por vezes sem levar em conta que é fundamental contribuir para a sua formação integral. Tal preocupação pode comprometer o ensino e a aprendizagem. Como educador, acredito ser importante inspirar os alunos com a ideia de uma educação centrada na vida e não apenas no acesso à universidade.

4.2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO ÂMBITO FAMILIAR

Com a falta de acesso às informações, muitos patriarcas não tomaram pleno conhecimento de uma gestão financeira mais plausível com a economia que nos encontramos nos dias atuais, uma boa parte, hoje compartilham e usam o que lhes foram transmitidos através de tradições culturais.

Nas famílias vemos que, as crianças também lidam com o mundo dos números e do dinheiro, e que desde cedo compram a própria merenda escolar, inclusive adesivos. Por isso, é importante que os pais contribuam para a educação financeira dos filhos. Uma ferramenta útil para ajudar a promover a educação financeira se consiste na instituição de uma mesada. A

mesada é importante para o aprendizado financeiro da criança ou jovem, mas os pais devem ensiná-los e motivá-los a administrar essa forma de pagamento. É importante incentivá-los a guardar esse dinheiro, para que futuramente possam comprar algo de valor, caso queiram ou precisem.

El Khatib (2010, p. 30) explica que a Educação Financeira para as crianças “deve ser caracterizada por dicas para ajudar no aprendizado de como fazer uso inteligente do dinheiro, no presente e no futuro. Ou seja, é aprender a usar o dinheiro para ele crescer mais!”

Consequentemente, é uma das responsabilidades dos pais orientar os filhos na administração do dinheiro. No momento, eles querem brinquedos e eletrônicos, mas muitas vezes não têm ideia de quanto custam esses presentes. Este pode ser o momento perfeito para começar a treiná-los em finanças. Também é bom ressaltar que não importa o valor a ser gerido, pois, quem não souber administrar pequenas quantias também não saberá administrar grandes.

Ensinar as crianças como lidar com o dinheiro e entender e executar o orçamento junto com a família é fundamental para o desenvolvimento do controle dos limites, autodisciplina e maturidade financeira, bem como o fortalecimento do seu caráter. A verdadeira compreensão financeira no momento da compra, é saber distinguir entre o que eu quero, ou eu preciso. Isso contribuirá para a maturidade e disciplina da mente da criança em relação às finanças e abre caminho para o entendimento da liberdade financeira. (PERETTI, 2007)

Outra ferramenta que ajuda a criar hábitos, gestão saudável dos seus recursos, incluindo o uso de jogos educativos ajuda a pensar na melhor forma de gerir os fundos disponíveis.

Jogos como Gamão, Banco Imobiliário, Jogo da Vida são úteis e faz com que desperte para o bom uso do dinheiro. Os jogos de tabuleiro contêm técnicas educativas para finanças, e é uma forma das crianças aprenderem conceitos de gestão, contabilidade e como economizar de forma divertida. Muitos pais evitam levar crianças, já que elas sempre acrescentam algumas coisinhas ao carrinho, mas, tendo atenção em alguns pontos, pode ser uma aventura muito prazerosa e, com certeza, educativa.

Através destes momentos específicos e destes jogos, dentre outros, as crianças aprendem a respeitar as regras, começando com o dinheiro do jogo para fazer escolhas com o dinheiro que você tem próprio, considerando o rendimento que esta compra ou venda-lhe trará.

não ensinamos aos nossos filhos a gastar somente o necessário, vivemos em uma economia de consumo, nos endividamos com empréstimos fáceis, entre outras situações que são reflexo da atual economia do país. São fatores importantes que devem ser discutidos não só nas escolas, mas dentro das nossas casas.(KARAM, 2009)

Portanto, faz parte o trabalho dos pais em orientar as crianças sobre como lidar com o dinheiro. Neste momento, eles querem brinquedos e equipamentos eletrônicos, mas muitas vezes, eles você não tem ideia de quanto custam essas guloseimas. Este pode ser o momento perfeito para começar. Ofereça-lhes conselhos financeiros. Também é bom ressaltar que não importa a quantia a ser administrada, pois, quem não sabe gerir pequenas quantidades também não saberá lidar com valores altos.

Com um objetivo de fornecer conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias aos estudantes, para gerenciar de forma responsável suas finanças pessoais, o ensino de educação financeira também pode motivá-los a fazerem abordagens interessantes para ajudarem à família como um todo, a desenvolverem hábitos financeiros saudáveis.

Podemos destacar algumas abordagens, como: a conscientização financeira através do compartilhamento de conhecimentos, um planejamento financeiro em família com práticas de economia, investimentos e etc.

Seja a curto prazo, médio prazo ou longo prazo, planejar sempre será “pensar” no que se deseja como objetivos e como serão as etapas ou etapas e procedimentos a serem adotados para atingir os objetivos traçados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho com todo o seu corpo qualitativo teve como finalidade despertar um desejo e também encorajar o seu desenvolvimento e alertar os agentes envolvidos no processo do ensino. O trabalho iniciou-se com a contextualização de prognósticos que descreveram os inícios de patrimónios financeiros e dos negócios, no decorrer uma pequena sustentação do corpo para um abrangimento sobre o capitalismo e o que faz se diferenciar quem segue seu sistema, vimos também papéis fundamentais dos processos de industrialização. Observamos que durante séculos uma cultura não deixou de existir, ainda que esteja fraca hoje, vimos o sustento da cultura do essencialismo e o que fez mudar para um extremo desejo do consumismo. Existe uma necessidade em cada lugar de entender a importância da educação financeira.

O poder que a educação financeira tem hoje, para fortalecer a economia e esvaziar a fila de inadimplentes, não se consegue comparar com outra visão reconstrutiva de conceitos e ações responsáveis.

Aplica-la em sala de aula hoje, fortalece uma geração que não farar um desperdício de valores no futuro, toda via, é um investimento a longo prazo que trará resultados incompreveis. Existem inúmeros países que já aplicaram este sistema corporativo no ambiente escolar, empresarial e familiar, com conceitos, exercícios atrativos e com uma linguagem mais ampla de uma economia. A cada dia, uma coisa nova aprendemos, desenvolvemos e procuramos resultados, observa-se que, contudo, nos tornamos mais apaixonados por este tipo de educação, ainda mais quando vemos que ela tem um potencial na economia brasileira.

Porque o compromisso é essencial para a implementação bem-sucedida da educação financeira, É muito importante que os líderes escolares tenham apoio suficiente para fazer isso. Impulsione as mudanças necessárias para tornar as escolas seguras. Para tal é necessário, por um lado, ter acesso a diversos materiais e, por outro, dar apoio. Para professores na forma de programas educacionais e sistemas flexíveis e confiáveis para consulta de informação. A conscientização e o treinamento deve se concentrar em: não apenas os professores, mas os próprios líderes. Para agilizar e otimizar este processo os treinamentos podem ser ministrados presencialmente e à distância. Um ambiente de aprendizagem usando a Internet.

6 REFERÊNCIAS

- DIMÍTRIA, Coutinho. **História do dinheiro estimula alunos a pensar sobre Educação Financeira.** Nova Escola, 2021. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/20764/historia-do-dinheiro-estimula-alunos-a-pensar-sobre-educacao-financeira>. Acesso em 08 de abril de 2022.
- SOUSA, Rainer Gonçalves. "**Revolução Industrial**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/revolucao-industrial-1.htm>. Acesso em 10 de abril de 2022.
- GONÇALVES, Cleber Baptista. **Casa da Moeda do Brasil – 290 Anos de História.** 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Moeda do Brasil, 1984.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico.** 17. ed. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002. p. 11.
Veja mais em: <https://brasilescola.uol.com.br/sociologia/durkheim-fato-social.htm>
- NETTO, José. BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica.** São Paulo: Cortez Editora, 2008.
- BARROSO, L. R. "**A Constituição brasileira de 1988: uma introdução**". In MARTINS, I. G. S. et al. (Coord.) **Tratado de Direito Constitucional.** São Paulo: Saraiva. 2012.
- SOUSA, Rafaela. "**Segunda Revolução Industrial**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/segunda-revolucao-industrial.htm>. Acesso em 11 de abril de 2022.
- LUSARDI, Annamaria; WALLACE, Dorothy. **Financial Literacy and Quantitative Reasoning in the High School and College Classroom.** Numeracy, v. 6, nº 2, art. 1, 2013.
- PENA, Rodolfo F. Alves. "**Fases do capitalismo**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/fases-do-capitalismo.htm>. Acesso em 05 de junho de 2022.
- SOUSA, Rafaela. "**Terceira Revolução Industrial**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/terceira-revolucao-industrial.htm>. Acesso em 08 de junho de 2022.
- CONCEIÇÃO, César Stallbaum. **Da revolução industrial à revolução da informação: uma análise evolucionária da industrialização na América Latina.** 2012. Tese (Doutorado em Economia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

- JORGE NETO, Francisco Ferreira; CAVALCANTE, Jouberto de Quadros Pessoa. **Direito do trabalho**. 8. Ed. São Paulo: Atlas, 2015.
- PIROLO, Bruno Henrique Martins; OLIVEIRA, Lourival José de. **Revolução industrial 4.0: a necessidade de utilização de seus mecanismos para potencializar o trabalho como humano**. Florianópolis: CONPEDI, 2018.
- SCHLÖSZER, Fabian. **Industry 4.0: The world of smart factories**. 2015. Tese de Doutorado. Copenhagen Business School, 2015.
- CATANI, AFRANIO M. **O que é Capitalismo**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.
- SILVA, Daniel Neves. **"Capitalismo"; Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/capitalismo.htm>. Acesso em 14 de junho de 2022.
- HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2012
- CHESNAIS, F. **A finança mundializada: raízes sociais e políticas, configuração, consequências**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- HUNT, E. K.; SHERMAN, Howard J. **História do pensamento econômico**. Tradução de Jaime Larry Benchimol. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 74
- BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII**. O tempo do mundo. São Paulo, Editora Martins Fontes, 2009. (pp. 11-155).
- EKER, T. Harv. **Os segredos da mente milionária**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005, p.142.
- CHERNAVSKY, Emilio. **Crise financeira global: mudanças estruturais e impactos sobre os emergentes e o Brasil**. Brasília: Ipea, 2011. 127 p.
- Kupfer, David; Haguenaer, Lia. **Economia industrial: fundamentos teóricos e práticas no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- D'AQUINO, Cássia de. **Educação Financeira. Como educar seus filhos**. Rio de Janeiro:..
- FRANKENBERG, Louis. **Seu futuro financeiro: você é o maior responsável**. 10. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.